



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12290 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 08 - Formação de Professores

A ESCOLA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL E OS DESAFIOS À GESTÃO DEMOCRÁTICA
Rodrigo Capparelli Fonsêca - FACULDADE DE EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE CAMPINAS

Mara Regina Lemes de Sordi - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

A ESCOLA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL E OS DESAFIOS À GESTÃO DEMOCRÁTICA

Partimos de uma pesquisa de mestrado em andamento, realizada em/com uma escola pública municipal do interior do estado de São Paulo, que em 2013 foi selecionada pela SME para tornar-se uma Escola de Educação Integral (EEI). A transição da escola de período parcial para período integral se deu a partir de 2014 e impactou significativamente o cotidiano escolar, exigindo a compreensão e a reorganização de novos tempos e espaços de trabalho coletivo. Tempos e espaços por onde se dão os novos movimentos da escola, por onde se (re)constróem novas relações, por onde se manifesta e se organiza o trabalho pedagógico, dialeticamente constituído e constituinte dos novos compromissos formativos desta nova realidade escolar (ELIAS et al, 2020).

A pesquisa busca investigar como a ampliação dos tempos pedagógicos na EEI se relaciona com a prática e a qualidade do trabalho coletivo docente e, ainda, como essa relação desafia a gestão democrática na construção de uma qualidade social comprometida com a formação humana.

A investigação em curso desenvolve-se por meio de uma pesquisa qualitativa, um estudo de caso etnográfico (ANDRÉ, 2008). Durante a primeira etapa do estudo, imergimos no cotidiano escolar, participando das aulas, dos diferentes tempos coletivos, do conselho da escola, das reuniões avaliativas, do coletivo das famílias, das reuniões de negociação com a SME. São cerca de 400h de observações participantes e diálogos traduzidos em textos e áudios descritivos e reflexivos. Ao final de cada dia, registramos cuidadosamente o que vivemos, como vivemos, o que sentimos e o que pensamos sobre a experiência vivenciada. Registros realizados em caderno de campo e digitalizados em seguida. Essa imersão no cotidiano da escola, em diálogo com os sujeitos e os documentos da escola, permitiu a produção de um conjunto de conhecimentos que provocaram reflexões, inquietações e questionamentos e que serão aprofundados na segunda etapa da pesquisa, quando traremos as vozes dos sujeitos por meio de entrevistas semiestruturadas.

A nova realidade escolar, caracterizada pelo aumento da jornada de trabalho e por movimentos de (re)orientação de seu projeto, apresenta uma rotina mais generosa em tempos pedagógicos. Durante a transição 2013/2014, a EEI conquistou, como resultado da luta das educadoras, a ampliação dos tempos pedagógicos, incluindo na jornada semanal tempos destinados à formação docente e ao planejamento das atividades entre pares (ELIAS *et al*, 2020, p.61).

Uma produção da escola de 2020, coletânea de narrativas sobre o Projeto de Educação Integral, é apresentada uma pesquisa que revelou que as/os professoras/es da escola

Consideram que na EEI **há um olhar diferenciado para as dimensões da necessidade humana**, que antes, na escola parcial, não era assumido. Acreditam que nessa escola há [...] [a possibilidade] de vivências e experiências **a partir de um trabalho mais amplo**. (NAKAMOTO; ROVERONI; MIGUEL, 2020, p.122, grifos nossos).

Revelou, ainda, que “quando questionados sobre sua prática pedagógica nesta escola em oposição àquela em uma escola parcial, muitos [professores] responderam que o trabalho coletivo é a principal diferença nesta realidade” (*Ibid*, p.124-125).

A ampliação dos tempos coletivos oportuniza a participação e cria condições democratizantes; por outro lado, complexifica as tomadas de decisão, tensiona a organização do trabalho pedagógico, tornando-a mais laboriosa, mais conflitiva.

Esse tensionamento foi registrado em algumas situações em campo. No trecho abaixo, trazemos nosso registro de um diálogo com a orientadora pedagógica (OP) da escola:

A OP concorda que o trabalho da gestão desta escola não é para qualquer um. [...] As professoras mais antigas estão sempre retomando uma (suposta) gestão democrática de dez anos atrás, mas que, segundo a OP, era democrática só para alguns [...]. Hoje, tudo é trazido para o coletivo. Toda a decisão é tomada no coletivo, nos coletivos. Isso aumenta a complexidade e a temperatura das reuniões. Muitas decisões tomadas no coletivo desagradam alguns grupos - quando as relações de poder entram em ação. (Caderno de Campo, nov. de 2021).

Neste mesmo dia, durante um cafezinho, conversamos com uma professora sobre a complexidade do trabalho coletivo na escola:

Em conversa com uma professora nova na escola, esse tema da gestão democrática voltou. Esta professora vai pedir remoção, pois ainda que receba um pouco mais, diz que a demanda de trabalho na escola integral não vale a pena. Segundo ela, ter que tomar todas as decisões no coletivo é muito complexo, muito trabalhoso. Na escola parcial é mais fácil, pois há apenas duas horas de TDC, e as decisões chegam mais ou menos prontas. Para ela, a gestão da escola transfere para as professoras as decisões que

deveriam ser da sua alçada. "**São os professores que coordenam a escola**", disse ela. (Idem).

Algumas semanas depois dos registros acima, registramos algumas reflexões que decorriam do que vínhamos sentindo na escola:

A escola de período integral amplia seus tempos coletivos. Há, ainda, um núcleo docente formado por aquelas professoras que fizeram parte da luta de transformação da escola parcial para a EEI e que tem naquele tempo um tempo de movimentos de gestão democrática. Hoje a escola tem parte do seu corpo docente (quantas pessoas?) formado por professoras que não fizeram parte dessa história. Famílias que não fizeram parte dessa história. E que encontram ali, nos tempos coletivos, espaço de debate da escola, de tomada de decisão. Quantos desses sujeitos encontram nesses tempos abertura para se debater e decidir a escola? Como as professoras significam gestão democrática? Qual o limite entre democracia e transferência de responsabilidades? Qual o impacto que o aumento das horas de tempo coletivo gera na demanda por produtividade do trabalho docente? Segundo uma professora, trabalha-se muito ali. Muito mais do que se ganha. A professora entende que se trata de uma particularidade da escola de período integral. Se assim for, por que o pessoal trabalha ali? Salário? (Ibid, dez. de 2021).

São muitos os desafios, mas são muitas as potências também. Trazemos aqui mais um registro (nosso registro) de maio de 2022, realizado após uma conversa com aquela professora que, em nov. de 2021, pretendia pedir remoção para uma escola parcial:

Segundo a professora, a atmosfera desta escola, sua vocação histórica, e os movimentos que decorrem dessa história, geram movimentos potentes na sala de aula. "**Somos melhores com os alunos do que somos entre nós**". (Caderno de Campo, mai. de 2022).

Quando mergulhamos no cotidiano da escola, abertos e disponíveis a viver e sentir as dores, os amores e os (dis)sabores, vivenciamos a não linearidade (enquanto relação matemática) entre tempo e trabalho. O tempo de trabalho da professora da EEI é cerca de 25% maior do que o tempo de trabalho da escola parcial. Todavia, notamos que ali, na escola de jornada ampliada, esses 25% a mais implicam em um novo adensamento relacional, de outra qualidade, com diferentes atravessamentos, muito mais complexo e desafiador – especialmente quando analisamos a relação entre a ampliação da jornada de trabalho e a gestão democrática na/da escola em tempos de ascensão do autoritarismo, desvalorização as instituições públicas e precarização das condições de trabalho.

Referências

ANDRÉ, MEDA. **Etnografia da prática escolar**. Ed. Papirus. Campinas, 2008.

ELIAS, DPM et al. **O trabalho coletivo no processo de mudanças na escola de educação integral**. In: BISSE, Jaqueline. Tempo e espaço na Educação Integral em Campinas: narrativas da Emefei Padre Francisco Silva. Editora Appris. Curitiba, 2020.

NAKAMOTO, BS; ROVERONI, M; MIGUEL, RS. **Problematizações sobre a jornada de trabalho docente na Escola de Educação Integral Padre Francisco Silva**. In: BISSE, Jaqueline. Tempo e espaço na Educação Integral em Campinas: narrativas da Emefei Padre Francisco Silva. Editora Appris. Curitiba, 2020.